

## **“Na paisagem da saudade”: o Grande Ponto na memória da Cidade do Natal.**

AUGUSTO BERNARDINO DE MEDEIROS\*

O bairro da Cidade Alta em Natal, conhecido também como centro da cidade, é o primeiro de Natal, é um espaço de compra e também de concentração de serviços. Ao lado de toda movimentação comercial típica do bairro, um bom observador pode perceber grafado em certos pontos do bairro o nome Grande Ponto. Ele está marcado na xícara de café impressa em banner de anúncio no Café São Luiz, está marcado em placa em homenagem ao ex-prefeito Djalma Maranhão na esquina da Rua João Pessoa com a Avenida Princesa Isabel, e nomeia também complexo de lojas na esquina da Avenida Deodoro da Fonseca com a Rua João Pessoa. Qual o significado desse nome presente no bairro? Por que se faz presente na geografia do centro? De que forma resiste às transformações da Cidade Alta? A partir de qual momento esse termo ganhou uma conotação memorialística? Esses são questionamentos lançados por essa pesquisa que tem como objeto o estudo do Grande Ponto enquanto construção simbólica.

Compreendemos que esse texto trabalha com a elaboração de um “lugar de memória”<sup>1</sup>, espaço registrado por ameaça de esquecimento, símbolo de memória e importante também para a História da cidade.

A nomenclatura Grande Ponto serviu para designar um trecho ou área da cidade do Natal, localizada no bairro da Cidade Alta, que das décadas de 1920 a 1960 era centro econômico, comercial, social e de lazer da cidade. Nas décadas de 1970 e 1980, com o

---

\* Mestrando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail para contato: augustob.medeiros@yahoo.com.br.

<sup>1</sup> A definição de Nora é da década de 1980. Esse termo nomeia uma coletânea de textos publicados na França, os “Lieux de Mémoire”. Na introdução *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*, Nora lançou as bases do seu conceito. Esses lugares surgiram com o final da “história-memória”, quando uma concepção de história, tal como produziu Michelet, ligada à idéia de construção da identidade nacional acabou, dando lugar a uma história crítica, ligada à ruptura e desconstrução dos símbolos. Com o final desse tipo de História, anteriormente em prol da construção de identidade, coube aos diferentes sujeitos a preocupação com suas identidades plurais e o papel de registro e guarda de seus símbolos apoiados em “lugares de memória”. A multiplicação desses lugares também cresceu pelo fenômeno da “mundialização”, “massificação” e “democratização”, fazendo com que diante de uma sociedade atomizada, os sujeitos buscassem suas identidades, elementos que os tornam seres individuais. A sociedade passou a nutrir interesse em relação ao vestígio, produzindo um inchaço da função de memória ligada ao sentimento de perda, a uma ameaça do esquecimento (NORA, 1993: 7-28).

crescimento da cidade para outras áreas como os conjuntos habitacionais, a construção dos primeiros shoppings e o crescimento do comércio informal na Cidade Alta, o espaço do Grande Ponto foi tema para uma produção bibliográfica e memorialística, textos que recordavam o local e ao mesmo tempo denunciavam seu esfacelamento, suas ruínas, esses textos delinearam o Grande Ponto como “paisagem da saudade”.

Além de possibilitar a compreensão do que foi o Grande Ponto, a pesquisa em questão busca problematizar esse espaço enquanto símbolo, desta forma tem também como objetivo relacionar a sua construção simbólica com momentos vivenciados pela cidade do Natal.

Os documentos utilizados aqui são discursos jornalísticos da primeira metade do século XX que citam o espaço, também textos da década de 1970 a 1980 que abordam as mudanças ocorridas na cidade do Natal no período, além de textos memorialísticos relativos a vivências no Grande Ponto, esses textos são produzidos na década de 1980 e buscam registrar e publicar memórias sobre o espaço, bem como construir uma origem para a zona.

## **O espaço do Grande Ponto**

O Grande Ponto foi uma nomenclatura informal atribuída a uma zona do bairro da Cidade Alta, compreendia as principais artérias do bairro tais como a Avenida Rio Branco, a Rua João Pessoa, Rua Princesa Isabel, incluindo também a Avenida Deodoro da Fonseca no mesmo bairro, apesar de existirem ainda variações em relação a precisa delimitação do trecho.

Alguns autores na década de 1980 se preocuparam em delimitar geograficamente o trecho, Joani de Paula Rêgo escreveu que a área era delimitada ao Sul pela Nova Catedral, ao Norte pela Praça Padre João Maria, ao Leste pelo Café São Luiz e a Oeste pelo cinema Rex que ficava na Avenida Rio Branco. Para Rêgo, o Grande Ponto seria fusão “ou a ‘ménage à trois’ da Rio Branco, Princesa Isabel e João Pessoa, justamente o epicentro do H, que forma o lendário, maldito, tradicional, eterno e imortal Grande Ponto” (RÊGO, 1981: 14-19). Manoel Procópio de Moura Júnior escreveu que o local é “a denominação de uma parte do centro da cidade, localizada na Rua João Pessoa, precisamente entre a Av. Rio Branco e a Rua Princesa Isabel” (MOURA JÚNIOR, 2002: 55). Para o Padre Agustin Salom SJ, o Grande Ponto “se

articula ao redor do eixo que vai desde a Matriz e Nossa Senhora da Apresentação, caminha pela praça do Pe. João Maria, praça Presidente Kennedy, até a Nova Catedral...” (SALOM SJ, 2002: 160). Delimitando e ao mesmo tempo afirmando a impossibilidade de medir precisamente o que seria a zona, Alexandre Gurgel escreveu que o trecho “implica o cruzamento da Rua João Pessoa com a Rua Princesa Isabel, estendendo-se, culturalmente, da calçada do Café São Luiz ao Sebo Vermelho [Avenida Rio Branco], e ainda com seus tentáculos alcançando o Beco da Lama [Rua Dr. José Ivo, que cruza a Rua João Pessoa], reduto etílico do Grande Ponto”. (GURGEL, 2002: 163)

Além das delimitações, alguns textos tentam estabelecer uma origem para o espaço, de acordo com Itamar de Souza, Grande Ponto foi nome de um café que se manteve aberto das décadas de 1920 a 1950, estava localizado na esquina da Rua João Pessoa com a Avenida Rio Branco. Com o fechamento do espaço o nome estendeu-se para uma zona (SOUZA, 2008: 180-181). Souza explica as origens da nomenclatura tendo também como referência o texto de Luis da Câmara Cascudo. Para o autor, a nomenclatura designou primeiramente um café ou mercearia que tinha duas portas abertas para a Avenida Rio Branco, e três para a Pedro Soares, que passou a chamar-se João Pessoa. “Grande Ponto foi denominação daquela esquina e aquela esquina se tornou imóvel e catalisadora nas memórias”. (CASCUDO, 1981:9-11).

Instalado em um ponto central da cidade, o café Grande Ponto adquiriu popularidade, podemos encontrar em jornais da década de 1930 menções ao local e ao seu proprietário Francisco das Chagas Andrade, quando no carnaval de 1936 cogitou-se sobre sua fantasia, se teria a forma de uma interrogação, sinal grafado na entrada do espaço (A REPÚBLICA, 19.02.1936: 8). Também encontramos no mesmo ano a produção de uma peça teatral intitulada O Maluco do Grande Ponto de autoria de Alberto Moura (A REPÚBLICA, 31.03.1936: 8). O aparecimento da nomenclatura em jornais sugere a relevância e construção simbólica de um local e um nome. Em 22 de março de 1936, em texto intitulado O Vendedor de Bonecas, Edgar Barbosa narra as imediações do Grande Ponto como sendo caracterizada por intenso movimento na época, onde se instalavam diferentes vendedores de doces e artefatos como bonecas de pano (A REPÚBLICA, 22.03.1936: 6).

Em jornais da década de 1950, podemos perceber que a denominação está vastamente presente. Em reportagem de Julho de 1959 no jornal A República, tratando do crescimento urbano de Natal, matéria intitulada Natal: cidade que mais cresce no Brasil, o Grande Ponto é citado como “centro de maior movimentação de nossa cidade, que também sofreu o influxo de progresso que atingiu nossa capital” (A REPÚBLICA, 01.07.1959: 3).

Ainda no mesmo ano o nome Grande Ponto mobilizou uma campanha no mesmo Jornal para nomear uma praça construída pelo então prefeito Djalma Maranhão, mobilização que contou com a participação de intelectuais e eruditos como Veríssimo de Melo e Newton Navarro. Essa campanha e a sugestão da nomenclatura Grande Ponto para uma Praça se relaciona ao significado atribuído ao nome. A justificativa de Veríssimo de Melo em 08 de março de 1959 para dar o nome à Praça foi “conservar a denominação que o povo consagrou em relação àquele local” (A REPÚBLICA, 08.03.1959: 4).

Veríssimo de Melo, jornalista e folclorista, em coluna que assinava no jornal A República, no mesmo ano, escreveu ainda sobre o assunto em 12 de março de 1959 que o “historiador da cidade” Luís da Câmara Cascudo havia concordado com o nome de “Praça Grande Ponto”, à praça construída ao lado do Natal Clube por Djalma Maranhão, atual Praça Presidente Kennedy (A REPÚBLICA, 12.03.1959: 4). A sugestão de Veríssimo de Melo agradou pessoas conhecidas na cidade como o poeta e pintor Newton Navarro que escreveu elogiando a sugestão do nome e aproveitando para relembrar o café de mesmo nome que era frequentado por “políticos” e “intelectuais” e que mesmo fechado ainda era lembrado pela nomenclatura atribuída a uma região (A REPÚBLICA, 18.03.1959: 3).

Vislumbramos aqui o Grande Ponto como zona de fluxo de serviços e interação. Nas primeiras décadas do século XX até a década de 1960 o bairro da Cidade Alta foi se constituindo como núcleo na cidade, principalmente após a década de 1940, com a participação de Natal durante a II Guerra Mundial. De acordo com muitos textos esse momento se caracteriza como marco importante do crescimento da cidade<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Durante a eclosão da II Guerra Mundial (1939-1945), a cidade do Natal serviu como espaço para a instalação de base aérea americana. A escolha da cidade deu-se por sua localização geográfica, por ser ponto estratégico no Atlântico Sul. O interesse pela cidade levou o governo dos Estados Unidos a aproximar-se do Presidente brasileiro Getúlio Vargas, essa política visava o apoio dos países americanos aos EUA. Em 1942 foi inaugurado

Na transição da década de 1940 para a década de 1950 a cidade teve seus índices populacionais alavancados. Em 1940 Natal possuía 54.836 habitantes, de acordo com o censo, passando para 103.215 habitantes em 1950 (LIMA, 1992: XI – XVI). Tentando elaborar um panorama das mudanças na cidade do Natal, Itamar de Souza em seu livro Nova História de Natal nos informa que na conjectura espacial da cidade do Natal das décadas de 1950 e 1960, ganhou destaque o bairro da Cidade Alta e suas artérias. Para Souza até a II Guerra Mundial o bairro da Cidade Alta era predominantemente residencial, com o final do conflito, o bairro passou a receber boa parte do comércio da Ribeira. As famílias que residiam na Avenida Rio Branco e nas ruas e avenidas vizinhas mudaram-se para os bairros de Tirol, Petrópolis ou Alecrim. A Cidade Alta em suas principais artérias passou a aglutinar os clubes, os bares e cafés, cinemas, as casas bancárias, os consultórios médicos, as associações, as sedes dos partidos políticos e os sindicatos, também as exposições artísticas e os eventos religiosos. Era também no bairro que irradiavam as linhas de bondes e posteriormente as linhas de ônibus (SOUZA, 2008: 174-490).

### **As novas configurações do Grande Ponto nas décadas de 1970 e 1980.**

Quem transita pelo bairro da Cidade Alta pode observar em suas calçadas a venda informal de diferentes mercadorias como óculos, cd's, bonés, redes, além dos carros que vendem água, sorvete, batata-frita, churros, castanha e pipoca. Apesar da aparente liberação desse comércio informal, desde a década de 1970, essas práticas têm passado por intervenções de controle da Prefeitura e tentativas de sua organização. No início de março de 2013 a Prefeitura por meio de órgãos como a SEMSUR (Secretaria Municipal de Serviços Urbanos) vem realizando um mutirão de cadastramento dos comerciantes informais que estão presentes no bairro (JORNAL DE HOJE, 02.03.2013). Esse mutirão tem o objetivo de reorganizar o

---

o Campo de Pouso de Parnamirim denominado Parnamirim Field, considerado a maior realização técnica dos EUA fora do seu território. Na década de 1940, cerca de 2.000 americanos se alojaram em Natal entre homens, mulheres e especialistas técnicos. A presença dos americanos trouxe para a cidade investimentos e novos hábitos (MARIZ; SUASSUNA, 2001: 48-65)

comércio do bairro, iniciativa reforçada pela proximidade da COPA de 2014, quando Natal sediará alguns jogos.

O incomodo com o comércio informal do bairro também pode ser percebido por textos jornalísticos. Em matéria do Diário de Natal de 1977 podemos encontrar a solicitação de um espaço para a instalação dos comerciantes informais que vivem se escondendo dos fiscais da Prefeitura que derrubam as mercadorias e as apreendem (DIÁRIO DE NATAL, 09.12.1977: 14).

Em matéria da Tribuna do Norte de 1985 intitulada Uma feira, vende de tudo no Centro da cidade, o texto sem autoria informa que o centro encontra-se debilitado, pois o Grande Ponto “outrora ponto de encontro de uma elite potiguar, encontra-se atualmente transformado num verdadeiro super-mercado ambulante”. O texto diz que essa transformação é clara para quem passa pelo espaço e observa uma profusão de mercadorias sendo vendidas nas calçadas do bairro. Os comerciantes ambulantes venderiam de tudo, de comida a vestuário. (TRIBUNA DO NORTE, 19.05.1985: 1). O texto do Diário de Natal de 1985, assim como o anterior de outro grupo jornalístico, compara o Centro da cidade a um “mercado persa” em que se vende de tudo em termos de “quinquilharias” vendidas por ambulantes e por lojistas que insistem em posicionar seus produtos nas calçadas. Esses elementos atrapalhavam o trânsito de pedestres, além de tornarem o bairro um local de caos e sujeira (DIÁRIO DE NATAL, 30.10.1985: 7).

A insatisfação com a presença dos “camelôs” era também partilhada por parcela de lojistas. Em 1985, o projeto de construção de um calçadão na Rua João Pessoa pelo prefeito Marcos Formiga mobilizou parcela da população e lojistas contra a construção, essa mobilização é percebida por relatos dos mesmos em diversas matérias em jornais na década de 1980. Esses grupos temiam a invasão do bairro pelo comércio informal, exemplo do que já acontecia no bairro do Alecrim.

Os defensores do calçadão ligados a órgãos como o Presidente da Federação dos Diretores Lojistas, Zildamir Soares de Maria, contrariando o que se acreditava, apresentou posição dos lojistas em apoio ao calçadão. Para Zildamir com o calçadão o bairro se tornaria um “shopping de grandes proporções”, evitando o “êxodo do cliente do centro da cidade (O

POTI, 20.01.1985: 4). A comparação do calçadão com um shopping também ocorreu com as declarações do superintendente da Sumov (Superintendência Municipal de Obras e Viação), João Augusto da Cunha Melo, que informou que o calçadão seria um “shopping-center no meio da rua” (DIÁRIO DE NATAL, 05.01.1985: 4).

A utilização do termo shopping aparece em um momento em que a cidade cresceu e ganhou outros espaços de compra e interação, espaços como o Shopping Cidade Jardim. Esses shoppings eram climatizados e possuíam vagas de estacionamento. É desta forma que podemos perceber a publicidade do Shopping Cidade Jardim na Avenida Engenheiro Roberto Freire, inaugurado em 1984. “Cidade Jardim, o ponto nobre da zona sul de Natal, entrada das mais belas praias e paisagens potiguares” (O POTI, 09.10.1983: 5). A construção do Shopping Cidade Jardim em Ponta Negra e sua publicidade refletem o interesse em outras zonas e em outras atividades comerciais da cidade, recorrendo as atividades do turismo em desenvolvimento na época. Além do Cidade Jardim existiam o shopping CCAB-SUL (Centro Comercial Aluísio Bezerra) na confluência da Avenida Roberto Freire com a Odilon Gomes de Lima, inaugurado em 1983, o primeiro da cidade. Em 1991 foi inaugurado o Natal Shopping Center que começou suas atividades com 80 estabelecimentos. Em 1994 Natal ganhou o Shopping Via Direta na BR - 101, na época o primeiro a comercializar produtos diretamente das indústrias (SOUZA, 2008: 641-695). Para o autor “com a chegada da televisão nos anos 60 e o surgimento de outros pontos de atração na cidade, o ‘Grande Ponto’ ficou sendo apenas uma referência de um passado que não volta mais” (SOUZA, 2008: 180).

Em seu texto, Marcos Aurélio de Sá, na época diretor e editor da revista RN/Econômico, nos informa que até o início da década de 1960, Natal era uma cidade que não pertencia às rotas comerciais tradicionais da região Nordeste. Após essa década, com o incentivo à industrialização nordestina feita pelo Governo Federal através da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), as pequenas e médias indústrias passaram a se multiplicar em Natal. Com o aumento da oferta de emprego e a emigração do interior para a capital, cresceram diferentes conjuntos de casas populares conduzindo as fronteiras de Natal até os limites dos municípios vizinhos. Cresceram

diferentes setores como o têxtil, construção civil, alimentício e serviços, acelerando o ritmo da vida econômica natalense (SÁ, 1979: 27-29).

Nas décadas de 1970 e 1980 a cidade assistiu ao crescimento de conjuntos habitacionais construídos por iniciativas de empresas como COHAB (Companhia de Habitação do Rio Grande do Norte) E INOCOOP (Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais). Essas empresas passaram a existir quando o governo do presidente Ernesto Geisel (1974-1979) elaborou o II Plano Nacional de Desenvolvimento e investiu milhões na habitação. Nesse período foram intensificados os investimentos ao Banco Nacional de Habitação. Entre esses bairros estão Neópolis, construído sob orientação da INOCOOP em 1970, o Conjunto Jiqui pela COHAB e inaugurado em 1976, o Conjunto Pirangi por iniciativa da COHAB e inaugurado em 1978, o Bairro de Candelária construído pela INOCOOP e inaugurado em 1976, o Bairro Pitimbu e conjunto Cidade Satélite pela INOCOOP, bairro concluído em 1983. Entre os novos bairros destacam-se os que surgiram na Zona Norte como o Nossa Senhora da Apresentação, Igapó, Salinas, Lagoa Azul, Pajuçara e Redinha. Foram construídos pela COHAB-RN e outras construtoras, 44 conjuntos habitacionais. Em 1983 foi concluído o conjunto Santarém, antes disso o Panorama I e II de 1977. Em 1978, o Panatis I e II e o Soledade I. Em 1981 foi inaugurado o Soledade II (SOUZA, 2008: 675-791).

Além do comércio informal, e o crescimento para outras zonas da cidade, o Grande Ponto estaria em situação de abandono. Em texto de janeiro de 1985 podemos perceber uma denúncia e indignação em relação ao abandono das praças. O texto destaca a Praça Presidente Kennedey localizada entre a Rua João Pessoa e a Avenida Rio Branco e que se encontrava em abandono. A praça que servia como ponto de encontro para intelectuais estava em estado crítico. “Até a ‘intelectualidade’, que na década de 70 armava a tenda todas as noites na praça Kennedy para discutir os últimos lançamentos literários, desapareceu” (DIÁRIO DE NATAL, 03.01.1985: 4). Os jornais também citam a presença de “hippies” artesãos que vieram de outros estados e que após denúncias sobre a utilização e venda de substâncias ilícitas teriam sumido da Avenida Rio Branco, indicando o bairro como local de marginalidade de acordo com os jornais (TRIBUNA DO NORTE, 06.03.1983: 1).

O crescimento da cidade nas décadas de 1970 e 1980 significou além da invasão da Cidade Alta pelo comércio informal, a fragmentação do centro, possibilitando outros núcleos de serviços e lazer dentro da cidade. Esse momento se caracterizou também por uma descentralização do Grande Ponto, que teve sua configuração modificada e adquiriu outros significados.

### **O Grande Ponto como “paisagem da Saudade”**

A década de 1980 significou a produção e publicação de diferentes textos acerca do Grande Ponto. Esse período foi marcado por uma preocupação em relação à memória desse conjunto espacial, de seus bares, cafés, ruas e praças. A produção desses textos está conectada com mudanças pelo qual a cidade estava passando, mudanças que trouxeram uma nova configuração urbana, fazendo emergir escritos da saudade. Essas iniciativas demonstram o significado que exerce o Grande Ponto para seus antigos frequentadores que se preocuparam em dar forma a esse espaço por suas narrativas.

Dentre as produções que possuem no título menção ao espaço podemos situar o livro intitulado Grande Ponto e publicado em 1981, uma iniciativa do Laboratório de Criatividade na década de 1980, grupo vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte e que tinha o objetivo de promover oficinas acerca de literatura e publicar esses textos. Essa publicação trazia na primeira parte um texto de Luís da Câmara Cascudo definindo o que era a zona, bem como diferentes textos e poemas de intelectuais que narravam sua ligação com o espaço. O Grande Ponto foi definido por Cascudo como “a situação geográfica mais importante da cidade [...] inesquecível para toda a população” (CASCUDO, 1981:9-11). Em texto de Joani de Paula Rêgo na mesma publicação, o Grande Ponto aparece como “um território profano de uma legenda sagrada, onde há várias décadas, gerações sucessivas elegeram aquele chão para pouso e escala de suas idas e vindas cotidianas ao trabalho e ao lazer” (RÊGO, 1981: 14-19). Esses textos visam descrever e definir uma região da cidade, ao mesmo tempo promovem uma homenagem ao local pelo registro das lembranças.

Também como homenagem ao espaço, em 1985, foi publicado o livro do médico e erudito Raimundo Nunes. O livro de cunho memorialista é intitulado Sociologia do Grande Ponto. Nunes descreveu o espaço e os acontecimentos vinculados ao local, lembranças de um espaço que é afetivo não apenas para o autor, mas para uma coletividade e para a história da cidade por ter servido de ponto de encontro e celebração de campanhas políticas, desfiles carnavalescos, manifestações artísticas, e como trecho comercial e de debate de ideias e notícias. Raimundo Nunes situa o Grande Ponto na “paisagem da saudade”, termo utilizado para nomear capítulos. De acordo com a narrativa de Nunes, o início da década de 1950 foi período em que o Grande Ponto era frequentado pelos “monstros sagrados” de acordo com o autor, que seriam homens “de melhor posicionamento, nas letras, na iniciativa privada, na política, nas profissões liberais, na magistratura e demais atividades atuantes” (NUNES, 1985: 135). O autor comparou os bate-papos informais que ocorriam no Grande Ponto a uma “universidade popular” e informa que: “Aprende-se muito nas escolas e bibliotecas. Aprende-se bastante na escola da vida. Aprende-se muito mais, quando somos privilegiados com a universidade do Grande Ponto” (NUNES, 1985:122).

Além dos dois livros acima mencionados, outras publicações também se referem ao Grande Ponto elaborando-o como espaço de saudade. Exemplo é o livro do ex-prefeito Djalma Maranhão<sup>3</sup> publicado em 1984 com título Cartas de um Exilado, reunido memórias do ex-prefeito quando durante o regime militar brasileiro foi exilado no Uruguai. O livro aborda acontecimentos e vivências no Grande Ponto, espaço em que Djalma Maranhão realizou passeatas políticas e promoveu apresentações folclóricas que a Prefeitura patrocinava. Nos trechos de um poema o autor recorda e define o local da seguinte maneira: “O Grande Ponto dos dias de hoje/ Convergência de todos os encontros/ E foco de todos os boatos” (MARANHÃO, 1984: 62).

---

<sup>3</sup> Conhecido como um incentivador da cultura popular, Djalma Maranhão ficou conhecido pelo incentivo ao folclore e por organizar junto com Luis da Câmara Cascudo alguns Congressos de Folclore na década de 1950. Foi professor de educação física e político possuidor de grande popularidade, administrou Natal por duas vezes, na primeira de 01 de fevereiro de 1956 até 20 de julho de 1959, nomeado pelo governador Dinarte Mariz. O seu segundo mandato foi de 05 de novembro de 1960 a 02 de abril de 1964 quando foi deposto pelo movimento militar, perseguido por posturas socialistas exilou-se no Uruguai (SOUZA, 2008: 98-182).

Alguns trechos sinalizam não apenas a ligação afetiva com o espaço como também o sentimento de esfacelamento dessa geografia. Essa postura torna-se evidente quando Nunes lamenta os assaltos residenciais e de rua que crescem junto com Natal, e quando narra uma ocasião em que um amigo o conduziu da Ribeira para a Cidade Alta e quando foi solicitado ao amigo que o deixasse no Grande Ponto, o amigo que morava em Natal há três anos confessou que jamais ouvira falar no local.

*Qual não foi minha perplexidade, quando o rapaz confessa que jamais ouvira falar no Grande Ponto! Não é o declínio daquele pólo da tradicional convergência da Capital. É o fenômeno de explosão demográfica, concentrando novos núcleos de sua dinâmica social. (NUNES, 1985: 27).*

Além dos textos de memória sobre o local, podemos também, na mesma década, vislumbrar textos que citam o local para apontar sua derrocada como um texto de José Luiz Silva, jornalista e erudito que assinou no diário de Natal da década de 1970, uma coluna intitulada Grande Ponto. O texto de Silva sobre o Grande Ponto foi publicado em 1982, no livro Na calçada do Café São Luiz. O título do texto promove um questionamento sobre a existência do espaço e tem como título o questionamento O Grande Ponto existe? Escrito em 15 de Novembro de 1981, no texto o autor afirma que o “Grande Ponto não existe. Onde é que fica o Grande Ponto? Existe o ‘Café São Luiz’. Tão importante quanto o Café de La Paix de Paris, onde Sartre diariamente respirava seu existencialismo” (SILVA, 1982: 21-22).

O título do texto de Silva é uma interrogação. Uma pergunta que questiona a existência do Grande Ponto. Na primeira linha o autor responde a pergunta lançada, informando que o Grande Ponto não existe, mas o que existe é o Café São Luiz. Apesar do questionamento Silva acredita na existência da zona, pois em meados do texto cita que viu o Grande Ponto deserto pela morte de Luiz Veiga, fundador do Café São Luiz. O posicionamento ambíguo de Silva serve para compreender que o autor não duvida da existência da zona, mas utiliza esse artifício para jogar com as palavras e com o leitor. Utiliza a incisiva interrogação para defender a idéia de que o Café São Luiz não seria apenas uma mera célula do Grande Ponto, mas condensaria os predicados que são atribuídos ao trecho,

enquanto espaço de interação. Silva questiona a existência do Grande Ponto para situar o Café São Luiz como o ponto central de encontros e debates do bairro da Cidade Alta.

### **Considerações Finais**

Mais que um núcleo de comércio, serviços e lazer, mais que um ponto na cidade que servia para a interação entre intelectuais, políticos, artistas, eruditos, o Grande Ponto é um símbolo elaborado no tempo, é uma representação que possui circularidade e afeta a produção de outros textos, exemplos são as iniciativas da primeira década do século XXI que se preocupam em delinear o que foi o espaço, como em 2002 o livro organizado por Eduardo Garcia intitulado Cantões, Cocadas, Grande Ponto Djalma Maranhão (GARCIA, 2002), e o livro Natal: cidade memória, uma iniciativa da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (SEMURB) de 2009 (NATAL, 2009: 126).

O Grande Ponto compreende representações construídas temporalmente, ou seja, essas imagens não são desconectadas do seu tempo e de um plano maior que eram as transformações ocorridas na cidade do Natal. Se na década de 1920 a 1960 o Grande Ponto surgiu em diferentes jornais como ponto central da cidade, na década de 1980 o local emergiu com traços de saudade pelas mudanças ocorridas na cidade como sua expansão para outras áreas, a inauguração de shoppings e a invasão do comércio informal na Cidade Alta. Esse momento garantiu a emergência do Grande Ponto como símbolo, tornando-o um espaço vivo pelos diferentes registros, discursos e publicações que visavam projetar o espaço para o futuro, mas anunciando também sua derrocada. Após a década de 1980, o Grande Ponto passou a se situar entre o existir e a ameaça do não mais, entre a saudade e a perda, entre a memória, a História e o registro.

### **Referências:**

CASCUDO, Luis da Câmara. Grande Ponto. In. \_\_\_\_\_. Grande Ponto: laboratório de criatividade, contos, poesias, ensaios, depoimentos, por Luís da Câmara Cascudo e outros. Natal: Ed. Universitária, 1981.

GARCIA, Eduardo A. de A. Cantões, Cocadas, Grande Ponto Djalma Maranhão. Natal: Edições Galeria do Povo, 2002.

GURGEL, Alexandro. Faces do Grande Ponto. In: A. de A. GARCIA, Eduardo. Cantões, Cocadas, Grande Ponto Djalma Maranhão. Natal: Edições Galeria do Povo, 2002.

LIMA, Pedro. Prefácio. In: PASSOS, Rubens de Souza (org.) Natal em Perfil 1992. Natal: (s.n.), 1992.

MARANHÃO, Djalma. Cartas de um exilado. Natal: Editora Clima, 1984.

MOURA JÚNIOR, Manoel Procópio de. O Grande Ponto. In: A. de A. GARCIA, Eduardo. Cantões, Cocadas, Grande Ponto Djalma Maranhão. Natal: Edições Galeria do Povo, 2002.

NATAL: cidade memória. Natal: Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (SEMURB), 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

NUNES, Raimundo. Sociologia do Grande Ponto. João Pessoa: A União Cia Editora, 1985.

RÊGO, Joanilo de Paula. O Grande Ponto à meia-noite. In. CASCUDO, Luís da Câmara. Grande Ponto: laboratório de criatividade, contos, poesias, ensaios, depoimentos, por Luís da Câmara Cascudo e outros. Natal: Ed. Universitária, 1981.

SÁ, Marcos Aurélio de. Natal – uma visão econômica da cidade. In: MACEDO, Paulo (org.). Memória Contemporânea. Natal: Editora Itinerário, 1979. 118p.

SALOM SJ, Pe. Agustin Juan Calatayud y. Grande Ponto?. In: A. de A. GARCIA, Eduardo. Cantões, Cocadas, Grande Ponto Djalma Maranhão. Natal: Edições Galeria do Povo, 2002.

SILVA, José Luiz. Na Calçada do Café São Luiz. Natal: Gráfica União, 1982.

SOUZA, Itamar de. Nova História de Natal. 2 ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008.

## **JORNAIS:**

A República, quarta-feira, 19.02.1936, ano XLVIII, n. 1532, p. 8.

A República, domingo, 22.03.1936, ano XLVIII, n. 1558, p. 6.

A República, terça-feira, 31.03.1936, ano XLVIII, n. 1565, p. 8.

A REPÚBLICA, Natal, Quarta – feira 01 de julho de 1959, ano. LXIX, nº 274, p.3.

A REPÚBLICA, Natal, Domingo 08 de março de 1959, ano. LXIX, nº 185, p.4.

A REPÚBLICA, Natal, Quinta – feira 12 de março de 1959, ano. LXIX, nº 189, p.4.

A REPÚBLICA, Natal, Quarta – feira 18 de março de 1959, ano. LXIX, nº 194, p.3.

DIÁRIO DE NATAL, sábado, 05.01.1985, ano XLVI, n. 04, p. 5.

DIÁRIO DE NATAL, quarta-feira, 30.10.1985, ano XLVII, n. 211, p. 7.

DIÁRIO DE NATAL, sexta-feira, 09.12.1977, ano XXXVII, n. 10.469, p. 14.

DIÁRIO DE NATAL, quinta-feira, 03.01.1985, ano XLVI, n. 02, p. 4

JORNAL DE HOJE, 02.03.2013. Disponível em: <<http://jornaldehoje.com.br/semsur-organiza-comercio-informal-da-cidade-alta/>>. Acesso em 05.03.2013

O POTI, domingo, 09.10.1983, ano XXVIII, n. 40, p. 5.

O POTI, domingo, 20.01.1985, ano XXXI, n. 03, p. 4.

TRIBUNA DO NORTE, domingo, 06.03.1983, ano 32, n. 967, p. 1.

TRIBUNA DO NORTE, domingo, 19.05.1985, ano XXXVI, n. 116, caderno de domingo, p. 1.